EXPOSIÇÃO
DIOGO NÓGUE

Herbário
do Cuidar, Vingar e Refazer



ABERTURA: AS14H

DOMINGO
02/08

ATÉ **31/08**

PAVILHÃO DA CULTURA
AFRO-BRASILEIRA
ZUMBI DOS PALMARES

Av. Sen. Roberto Símonsen, 90
Jardim Imperador, Suzano - SP

REALIZAÇÃO: Secretaria de Cultura | Prefeitura de Suzano | Casa Beija-flor | Agita Palmares

DIOGO NÓGUE

Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer

Para minha avó Rosa, após um ano de sua partida suas plantas e rezas ainda nos protege.

Pavilhão da Cultura Afro-Brasileira
Zumbi dos Palmares

2 a 31 de agosto de 2026
Av. Sen. Roberto Símonsen, 90
Jardim Imperador, Suzano, SP

Sumário

Texto curatorial 04

Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer 08

Vistas da exposição 10

Quem Matou Basquiat? 12

Vingança 16

Desconversando o Eu 17

Biografia 23

Texto curatorial

Ao longo da história, diferentes culturas desenvolveram formas próprias de observar, representar, nomear, classificar e transmitir conhecimentos sobre a flora e suas influências em nossas vidas. No Egito Antigo, por exemplo, o chamado Jardim Botânico de Thutmose III, um relevo esculpido no templo de Karnak e datado do século XV a.C., apresenta descrições detalhadas de centenas de espécies vegetais e representa uma das primeiras tentativas conhecidas de catalogação botânica.

Os significados dos herbários, entretanto, foram profundamente influenciados pela expansão colonial europeia e pela institucionalização do conhecimento científico. As expedições de exploração, extermínio e dominação iniciadas no século XV estabeleceram uma lógica de apropriação dos territórios, dos recursos naturais e dos conhecimentos dos povos que, sob diferentes formas, permanece até hoje, manifestando-se também na expansão da monocultura. Nesse processo, a flora e os saberes a ela associados foram convertidos em recursos para a acumulação de capital, assim como os territórios e os corpos dos povos. O poder de nomear e catalogar tornou-se também uma arma de dominação tendenciosa que hierarquiza, apaga e controla as formas de relação com a natureza.

É nesse lugar de disputa que inicio a série Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer, que dá nome à exposição: ao reivindicar e subverter a estrutura estética e simbólica do herbário colonial por meio do desenho, procuro reabrir relações com a natureza, os conhecimentos ancestrais e a busca por equilíbrio. Sobre panos de prato de minha família, confeccionados ou trocados por minha mãe, Regina, e minha tia, Ana Nísia, desenho ervas utilizadas em banhos, chás e cuidados com o corpo, mente e espírito. Saberes transmitidos por meus avós, especialmente por minha avó Rosa, que cuidava da família com as plantas do quintal.

O pano de prato, objeto cotidiano associado ao trabalho doméstico e ao cuidar, labor invisibilizado que sobrecarrega as mulheres no patriarcado, torna-se invocador de afetos, cura e batalha contra o esquecimento. Suas marcas de uso, o desgaste das fibras e a pátina do tempo entrelaçam-se aos desenhos, escritas e transparências, reivindicando responsabilidade sobre as práticas de zelo e cuidado comunitário, honrando a história das mulheres negras.

A partir desse percurso, a exposição se amplia para outras obras que fazem parte de minha investigação sobre a cura, humanização e do que significa ser

artista negro. As pinturas da série Quem Matou Basquiat?, os desenhos de Desconversando o Eu e Em-passe-de-negação integram esse movimento de busca por outras formas de existência e de criação a partir do que tenho chamado de afro-encanto e Arte da afrodiáspora.

Esses trabalhos utilizam como disparadores a Sankofa, provérbio de origem Akan que nos ensina que não há vergonha em retornar e buscar aquilo que foi deixado para trás, e Ubuntu, palavra dos povos Zulu e Xhosa, popularmente difundida na tradução "eu sou porque nós somos". Esses princípios me ajudam a pensar uma arte comprometida com o coletivo e com a possibilidade de fuga da ocidentalização através de um espelho negro. Uma arte que se coloca como parte de uma rede de relações que envolve os ancestrais, a natureza, a comunidade e as gerações futuras.

Nesse caminho de cura coletiva, compreendo que nós, homens negros, em nossas diversas configurações de masculinidades, somos convocados a assumir responsabilidade por nossas vidas e pelas comunidades das quais fazemos parte. Isso implica recusar o modelo do "homem branco ocidental" como medida universal de

humanidade e buscar, em nossos próprios corpos, em nossos ancestrais e em nossas comunidades, outros espelhos nos quais possamos nos reconhecer.

Nossa libertação não se realiza pelo embranquecimento, pela assimilação ou pela rendição aos modelos que historicamente nos negaram humanidade, mas pela afirmação do direito de existir como somos e pela construção de formas de liberdade comprometidas com a emancipação de todas as pessoas negras. É nesse sentido que as palavras que dão título à exposição funcionam como ações.

Cuidar é zelar, proteger, cultivar. É também vigiar, permanecer atento àquilo que ameaça a vida.

Vingar é sobreviver, crescer e continuar. E também buscar a restituição do que nos foi retirado: saberes, memórias, territórios, futuros.

Refazer é corrigir, restaurar, mas também descansar, recarregar nossa energia e saúde. Através dos chás de nossas avós, nos cuidados com o corpo e a mente, nos gestos de proteção e nos sonhos que, mesmo fragmentados, ainda podem ser unidos e indicar o caminho do amanhã.

Diogo Nógue
Artista visual, Escritor e pesquisador

Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer



Vista da instalação

Série Herbário do Cuidar, Vingar e Refazer, 2024.

Marcadores sobre panos de prato. Crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia.

Fichas técnicas

2024 · Marcadores sobre panos de prato

Crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia

Alfazema	70 × 37 cm
Alho	70 × 37 cm
Boldo	70 × 37 cm
Guiné/Tipi	70 × 41 cm
Babosa	68 × 38 cm
Erva-cidreira	70 × 43 cm
Anis	70 × 43 cm



Vista da exposição

Montagem no Pavilhão da Cultura Afro-Brasileira Zumbi dos Palmares.



Vista da exposição

Obras das séries Quem Matou Basquiat? e Vingança.



Dia desses vão te esquecer

Série Quem Matou Basquiat? · 2025

Acrílica, marcadores, papel e giz pastel sobre tela
80 × 60 cm



Ko Akoni

Série Quem Matou Basquiat? · 2025

Acrílica, marcadores, grafite e carvão sobre tela
80 × 60 cm



KibaneMutue - A Cidade

Série Quem Matou Basquiat? · 2025

Acrílica, marcadores, grafite, tule e fio de rami sobre tela
90 × 60 cm



Vista da exposição

Dia desses vão te esquecer e Preparação para rebelar em montagem.



Preparação para rebelar

Série Vingança · 2023

Acrílica, pigmentos, marcadores, grafite e lápis de cor sobre papel
42 × 29,7 cm



Em-passe-de-negação 1

Série Desconversando o Eu · 2023

Carvão sobre papel
107 × 31 cm



Em-passe-de-negação 2

Série Desconversando o Eu · 2023

Carvão sobre papel
73 × 31 cm



Em-passe-de-negação 3

Série Desconversando o Eu · 2023

Carvão sobre papel
31 × 103 cm



Ifarada • Idajo

Série Desconversando o Eu · 2024

Nanquim e marcador sobre papel



Enigma entre nós e tu

Série Desconversando o Eu · 2024

Nanquim e marcador sobre papel



A procura do que me falta

Série Desconversando o Eu · 2024

Nanquim e marcador sobre papel
23,5 × 24 cm

Diogo Nógue

É artista visual, escritor, poeta, arte-educador e pesquisador afrodiaspórico. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP, bacharel e licenciado em Artes Visuais pela Belas Artes de São Paulo/Cruzeiro do Sul.

Explora diferentes linguagens, como desenho, pintura e objetos. Desde 2004, participou de exposições coletivas e individuais, incluindo “Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira”, no MAM-SP (2023), e “O poder é nosso”, no Museu das Favelas (2024).

Vencedor de prêmios de aquisição na 3ª Bienal Black Brazil e em salões como Luiz Sacilotto e o de Piracicaba.

Seus trabalhos investigam temas como o corpo e o fantástico, usando como operadores os conceitos de Ubuntu e Sankofa.

Atuou como professor no ensino público por sete anos e participou da publicação de mais de oito livros, entre contos, poesia e ilustrados. Entre suas obras individuais estão “Pedra Polida” (2019), de poesias, e “Retratos Apagados” (2023), que reúne poesia, contos e crônicas. Participou também da antologia “Pretos em Contos”, finalista do Prêmio Jabuti (2022).

DIOGO NÓGUE

@diogonogueart

Texto curatorial · Diogo Nógue

Identidades presentes no folder da exposição
Casa Beija-flor · Agita Palmares
Secretaria de Cultura · Prefeitura de Suzano